

UM DISCURSO SEM PALAVRAS: CONDICIONAMENTOS ATRAVÉS DOS ESPAÇOS ESCOLARES SUBLIMADOS EM DESENHOS SUBVERSIVOS

Jairo Carioca de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central analisar dois desenhos realizados por alunos numa escola pública do Rio de Janeiro, num posicionamento frente ao Outro como possível caminho de sublimação aos condicionamentos efetuados pelo processo educativo. É no simbólico que esses desenhos ocupariam espaços escolares psíquicos discursivos. Eles querem dizer algo para além de meras representações sexuais. A Psicanálise aponta que há algo no modelo educacional, como representante da lei e das exigências sociais, que pode proporcionar uma inibição neurótica, uma das características presente nas neuroses. Concomitantemente, Freud indicou que as instituição(ões) e sociedade são conceitos indissociáveis, e que pode haver a possibilidade de exclusão do sujeito dentro de uma instituição regida por um saber, sendo assim, o discurso psicanalítico deve estar pronto a incluí-lo, mas sem palavras, como implicou Lacan, um discurso que coloca o saber no lugar da verdade, isto é, que trata do saber sobre a singularidade subjetiva em seu estado nascente, no próprio ato da palavra falada” (JORGE, 2005). Através da análise destes desenhos subversivos a psicanálise busca entender como esses aspectos são estabelecidos e como podem ser manejados pelo educador para potencializar o processo educativo.

¹ Graduado em Teologia pela FAECAD, Pós-graduado em Teoria Psicanalítica pelo Centro Universitário FAVENI, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEDUC da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisador sobre Corporeidade Feminina no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (LEGESEX). Integrante do Coletivo Psicanalistas Unidos pela Democracia – PUD. Email: jairocarioca.jc@gmail.com

Palavras-chaves: Psicanálise. Educação. Desenhos.

1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud escreveu o ensaio Totem e Tabu entre setembro de 1911 e maio de 1913, era um texto em resposta à crítica que o psicanalista Adler fez dizendo que a psicanálise dava pouca importância aos fenômenos culturais na formação psíquica do homem (FREITAS, 1997).

Aproveitando o ensaio, Freud ainda escreveu rebatendo outras críticas oriundas do psicoterapeuta Carl G. Jung. No livro Símbolos e Transformações da Libido, Jung (1999) trouxe novas abordagens à teoria da libido e à questão do incesto, onde a libido não pode ser apenas a energia da pulsão sexual, mas sofre transformações alcançando formas espirituais. Segundo Luiz Alberto de Freitas (1997) teria nesse ensaio, uma das primeiras incursões de Freud para além do trabalho clínico. Inicia-se assim um caminho de exploração em outros ramos do saber científico e onde a Psicanálise também poderia exercer sua influência.

Freud desejou ampliar o alcance da psicanálise para além dos limites da clínica, implicando ao psicanalista um olhar de atenção plena para um só objetivo – o Sujeito. Não importavam os lugares e suas condições, a psicanálise passou a considerar a cultura na economia do sofrimento psíquico. Localizou na religião, embora fosse um fenômeno cultural, o Complexo de Édipo e, em última instância, na sexualidade. Logo, a religião estava ligada diretamente à sexualidade pela via da neurose obsessiva universal (FREUD, 2013). Os debates e questões como essas que Freud empreendeu com Jung e Adler

fomentaram novas articulações entre a Psicanálise, as Instituições² e a Instituição³.

E ainda, Freud concluiu a ideia de que há no ser humano uma força de natureza sexual, que atua mediada na boa adaptação moral e social, mas nunca compareceu com seus desejos. É nesta área que ele chamou de Inconsciente. Segundo ele seria “uma área psíquica própria, com desejos próprios (sobretudo, sexuais), com formas de expressão e mecanismos próprios” (DORSCH, 2008, p. 712). Ao mesmo tempo, Moreira (2020, p. 219) reforçou que essa ideia de Freud “será a partir do Édipo” e “que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração”.

Logo, o Complexo de Édipo anunciou também a presença irredutível do Outro na constituição do sujeito. Para Freud, a psicanálise era a ciência do inconsciente e segundo Souza e Endo (2009) ele não tinha o menor interesse de que a psicanálise fosse conhecida por outro nome. Nela a cura se dá pela fala, como única via possível de se libertar de uma dor (GAY, 2012, p.88). No entanto, como explicou Freud, essa expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos, da escrita e qualquer outro método expresso na atividade mental humana (FREUD, 1913).

Meio século depois, o psicanalista Jacques Lacan (2003, p.359) acrescentou uma nota ao texto de 26 de setembro de 1968 com o título: Alocução sobre as psicoses da criança. Ele dizia: “quando é que se vai ver que o que eu prefiro é um discurso sem palavras?”. Mais uma vez, ele repetiu a mesma ideia no livro Seminário 17 O Averso da Psicanálise (1992, p. 11): “O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras”.

Ora, o que Lacan implicou aqui é literalmente um discurso sem palavras, mas jamais será um discurso sem endereçamento. A psicanálise é “o único discurso que coloca o saber no lugar da verdade, isto é, que trata do saber sobre

² Refiro-me às Instituições quando elas são tomadas por formar cultura, mas tendem com o tempo a esclerosar-se.” (DORSCH, Friedrich, 2008, p. 712).

³ Quando me refiro ao termo Instituição, digo que é “um sistema abstrato de normas” e também a “um complexo específico como uma associação, um governo ou uma prisão, uma universidade, etc” (DORSCH, Friedrich, 2008, p. 712).

a singularidade subjetiva em seu estado nascente, no próprio ato da palavra falada” (JORGE, 2005).

Estudando as obras freudianas vimos que instituição(ões) e sociedade são conceitos indissociáveis. A Psicanálise é um discurso da subjetividade, de seus impasses e exclusões na modernidade (BIRMAN, 1999). Havendo a possibilidade de exclusão do sujeito dentro de uma instituição regida por um saber, o discurso psicanalítico deve estar pronto a incluí-lo, mas sem palavras. Isso acontece porque na medida em que esta favorece o bem-dizer do desejo; logo, emergem os conflitos e os sintomas que remetem ao inconsciente.

E ainda, quando a psicanálise se empresta à escuta, a subjetividade emerge do sujeito, propiciando dessa maneira, a possibilidade de um dizer, um discurso do sujeito. Especificamente, de um bem-dizer do desejo através da palavra. Mas qual é a importância da linguagem frente ao discurso? Lacan (1998b) indicou que, na estrutura discursiva, há algo que se impôs oriundo do Real, por isso parte do discurso é anterior à palavra; logo, sem palavras. Sendo assim, a importância ao lugar aflora; revelando a posição do sujeito frente ao Outro. Localizar esse posicionamento não-palavresco e não-verboso é papel da Psicanálise possibilitando manejos distintos frente à elaboração de espaços psíquicos discursivos.

Através da análise de dois desenhos realizados por alunos numa escola pública do Rio de Janeiro detectaremos esse posicionamento frente ao Outro. É no simbólico que esses desenhos ocupariam espaços escolares psíquicos discursivos. Eles querem dizer algo para além de meras representações sexuais. Lacan (2005) falou que o simbólico está sempre presente quando algo assume um valor socializado, compartilhado e por isso tornando referências para certo comportamento coletivo. O simbólico está na estrutura de linguagem de um povo, são “símbolos organizados na linguagem” (LACAN, 2005, p. 23).

Portanto, o espaço escolar estaria, para a psicanálise, num campo de impossibilidade, por estar situado em impasses, tais como a família e a sexualidade, dentro de um ideal de normalidade e numa condição de dimensão ineducável em todo sujeito. O controle pleno do Outro é impossível, isso aponta para o Real que escapa sempre à simbolização, atravessado por um discurso sem palavras (LACAN, 2005).

Entretanto, ao revirar essas ponderações, o psicanalista se depara com espaços escolares imbricados por violência simbólica que denega ao sujeito o impasse de sua fala. Para a psicanálise, alguém só é sujeito na medida em que fala. Cada discurso implica numa forma própria de operar com o Real do Gozo. Quando a instituição escolar se torna um lugar de silenciamento do discurso da subjetividade, então não há endereçamentos. Uma vez que isso acontece, apenas é possível localizar o posicionamento do desejo do sujeito frente ao Outro, mas sem amarrações. Localização essa advinda de um discurso sem palavras capaz de operar e subverter a violência simbólica que havia sido instalada.

2 ESPAÇOS ESCOLARES E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Para o sociólogo Pierre Bourdieu, a escola teria um espaço de reprodução de estruturas sociais que privilegiariam a violência simbólica:

“A educação primária estimula desigualmente meninos e meninas a se engajarem nesses jogos e favorece mais nos meninos as diferentes formas da libido dominandi, que pode encontrar expressões sublimadas nas formas mais “puras” da libido social, como a libido sciendi.” (BOURDIEU, 2017, p. 83).

Para a autora Lola Aronovich em seu prefácio do livro *A Criação do Patriarcado* ela diz: “o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis” (LERNER. 2019, p. 21). Assim, é possível falar desta instituição – a escola – como espaços escolares onde há discursos diversos sendo produzidos.

Nesse momento cabe evocar duas posições discursivas: O Professor, aquele que portaria um suposto saber e, ao mesmo tempo, representaria uma instituição que resiste à mudança numa relação vertical professor-aluno dentro da normatividade. A segunda posição discursiva é a do aluno. Supostamente esvaziado de reflexão e criticidade, o modelo de educação transmitiria informações prontas e acabadas fazendo-o de ventríloquo, discursos e leituras que lhes são imputadas.

Ainda para corroborar essa ideia, em uma conversa com o jornalista Gilberto Dimenstein, o psicanalista e educador Rubem Alves fez a seguinte

declaração: “De repente, eu me descobri escritor, Se você perguntar como aprendi a ser escritor, não tenho a menor ideia. Não foi na escola, isso eu garanto” (DIMENSTEIN, p. 32). O manejo com as palavras não estava no espaço escolar, Alves (1993, p. 29) já teria estabelecido as diferenças antagônicas entre Professor e Educador onde:

“Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialista em reprodução, peça num aparelho ideológico de Estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos”.

É por isso que muitas vezes formam-se pontos de impossibilidade no debate com confronto de opiniões diferentes das do professor, porque sua posição é tida como inquestionável (TEIXEIRA, p. 96) Como se vê, estamos diante de um impasse frente à instituição escolar e o monopólio da produção psíquica de espaços escolares. A inquestionabilidade do professor esvaziaria o sujeito-aluno de sua subjetividade. Isso acontece porque o aluno deveria colocar suas opiniões no jogo discursivo, mas é impedido por um suposto discurso de falta de criticidade. O inequívoco acabaria por gerar angústia que não encontraria outro espaço para sublimar, senão na subversão pelo discurso sem palavras. Subverte-se contra: “a ordem do mundo tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções, seja, grosso modo, respeitada”; (BOURDIEU, 2017, p. 11)

Portanto, os espaços escolares são impossibilidades de um bem-dizer do desejo que possa esvaziá-lo da angústia. Aquele aluno que tem potencial, que aprende muitas coisas e participa de muitas atividades, em algum momento irá expressar seu descontentamento através de um ato sublimatório. Muitas das vezes seguindo suas ordenadas subjetivas, o aluno subverte a violência simbólica sem amarrações que poderiam vir em forma de desenho carregado de um discurso sem palavras.

3 O DESENHO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA

A psicanalista londrina Melanie Klein entende que a interpretação do desenho nunca deve ser feita fora do seu contexto em que foi elaborado e da série de outros desenhos nos quais foi inserido. Desta maneira, formaria uma marca e estilo capazes de enunciação como segue: “As análises infantis demonstram sempre que por detrás do desenho, da pintura e da fotografia,

esconde-se uma atividade inconsciente muito mais profunda: trata-se da procriação no inconsciente do objeto representado” (KLEIN apud MÉREDIEU, 2006, p. 61).

Representação essa que expressaria na linguagem a apropriação das coisas e do mundo ao seu redor, atribuindo-lhe significado. Entretanto, no caso da criança, a não-linguagem se tornou um obstáculo para que houvesse uma psicanálise infantil. Até o próprio Freud era resistente à aplicação analítica às crianças, embora ele sugestionasse que deveria analisar desenhos infantis. Em sua trajetória biográfica, Freud analisou uma única vez, o caso do menino Hans, que tinha cinco anos de idade⁴. Anos depois, com a formação de uma escola londrina Kleiniana do jogo é que se criaria um lugar para o tratamento psicanalítico com base em desenhos infantis, uma experiência psicanalítica pouco explorada por Freud (KLEIN, 1997 p. 28).

Assim, é através do desenho que se encontraria um dizer, interdito pelas estruturas estruturantes do domínio simbólico. Estruturas essas representadas pelos espaços escolares, pelos professores e, até mesmo, pelo próprio aluno. Isso significa que a representação imaginativa do sujeito, de sua afetividade, de seu comportamento interior e de seu simbolismo não são sublimados (MÉREDIEU, 2006, p.77). Portanto, as pulsões interditas acabariam por ser destinadas a lugares outros que não-espacos artísticos, como na arte urbana. Este dizer feito em lugares impróprios de se expressar, feitos na cadeira ou numa mesa escolar, habitaria na: “proibição do espaço que já ousa transgredir a proibição do discurso” (JUNIOR; SILVA, 2020 p.181)

O aluno, nesta posição de sujeito inconstituído, demandaria escuta detalhada do discurso social, pois na modernidade, toda criança tem função social determinada (VORCARO, 1999 p. 155). Entretanto, o que também interessa à psicanálise é o manejo de sua subjetivação que precisariam encontrar inscrição.

Ora, se a escola não se torna para este aluno um lugar de amarrações, haverá resistências realizadas pela subjetividade do aluno (DIMENSTEIN, p. 40).

⁴ Análise de uma Fobia em um menino de Cinco Anos. (Duas Histórias Clínicas O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos” (1909). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996)

Essa modalidade de resistir manifestaria na negatividade do estabelecimento de vínculos, pois as perspectivas entre ambos não se tornariam justapostas; onde de um lado, teremos o representante da instituição – o espaço escolar - e do outro, o representante da sociedade – o aluno.

4 DESENHOS SUBVERSIVOS NO ESPAÇO ESCOLAR, MARCAS DA SEXUALIDADE DE UM DISCURSO SEM PALAVRAS.

Figura 1 – Pênis Seminário



Fonte: Escola Pública do Rio de Janeiro (2020)

É importante analisar essa FIGURA 1 dentro do contexto do espaço escolar onde ela foi produzida, ou seja, em um ambiente de transmissão de conhecimento com as características em que se apresenta. Sua posição de ereção, com pelos que simbolizam um pênis adulto e um jorro de esperma que se derrama de forma ininterrupta, estando o pênis desenhado na cor preta e o esperma na cor vermelha.

Um pênis adulto fala da posição de adulto, e um pênis ejaculando fala do lugar de transmissão; ora, que outro lugar de adulto nós teríamos se não aquele que ocupa um professor? Um sêmen que não acaba. Transmissão que invoca Gozo. Nasce o diálogo, da fantasia de trocação de ideias para que a vida possa fluir (vejamos que o esperma é vermelho, o que evocaria a ideia de sangue; de algo que estaria vivo, sangrando).

A palavra “seminário” vem do latim *seminarium* que é derivado de sêmen, isto é, semente (DORSCH, 2008). Este significante deslizaria, dando conotação de germinação, mas que deixaria de pertencer somente ao campo semântico da

agricultura e passaria a ser usado também como sinônimo de espaço escolar (CUNHA, p.713). Sendo assim, o desenho da FIGURA 1 poderia representar a sala de aula como um lugar de prazer, de satisfação e de Gozo por aquilo que se está aprendendo, adquirido como um saber que germina ideias.

É sabido na história da Psicanálise que o campo da educação se localiza entre a pulsão e a cultura. Em uma carta a Oscar Pfister, datada de 09 de fevereiro de 1909, Freud fala do incêndio que a psicanálise propagaria na educação (PFISTER, 1998, p. 24-25). Freud formulou o pensamento de que as autoridades ocupariam o lugar das figuras parentais. Podemos entender que os professores acentuariam as reações dos poderes instituídos, enquanto representações das autoridades que se opõem ao desejo de sujeitos subjugados, submetido a um interdito do pensar e do falar.

No entanto, o que observamos é o recorrente uso e desuso do tema da sexualidade nos desenhos a que denominamos de desenhos subversivos no espaço escolar com marcas da sexualidade, mas que haveria consistência de um discurso sem palavras. É através destes que precisamos investigar mais amiúde. Será que os desenhos subversivos querem nos dizer algo para além das palavras? Ou até mesmo um dizer sem elas?

Vivemos numa cultura que cerceia e censura as falas bem como os sujeitos do falar, em nome da moral e dos bons costumes. Isto procede na medida em que a civilização foi construída com bases nesse mal-estar. Mas nesta condição, as palavras com conotações sexuais são as que recebem maiores reprovações, como identificou Monique Augras (1989, p. 41), que ao discutir o tabu sexual diz:

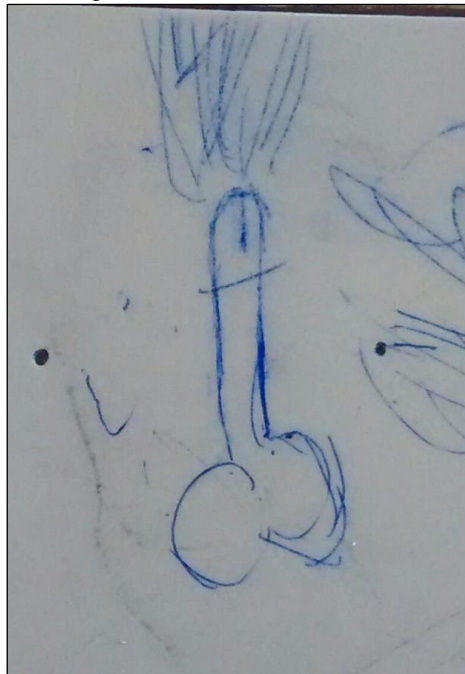
“Em todo grupo cultural, há partes do corpo que não se devem sequer nomear. É o caso, entre nós, dos órgãos sexuais, que são designados, ou por jargão médico científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio”.

Se a sexualidade está ocupando posição interdita pela cultura, então as pulsões mais uma vez procurarão um destino Outro que não das palavras. Desta maneira, potencializaria ainda mais o que é da ordem do inominável. Em

códigos próprios, as fusões e desfusões pulsionais vão se arranjando de modo que as sublimações sejam destinadas a um dizer que não se use palavras.

5 POSIÇÃO DE DESCONFORTO SEM PALAVRAS

Figura 2 – Pênis Desconforto



Fonte: Escola Pública do Rio de Janeiro (2020)

Na FIGURA 2, temos antítese da FIGURA 1. Para emergir as diferenças das figuras é preciso compará-las. Na FIGURA 1 consistiria numa suposta fala de prazer que subverteria a angústia produzida pela violência simbólica. Colocada em ato, os destinos pulsionais sublimariam essa angústia revelando a posição de Gozo do sujeito. Já na figura 2, as representações sexuais dos desenhos seriam veículos pulsionais de desprazer. Feito numa mesa que aponta para a cadeira que está à sua frente, a agressividade e a destrutividade se colocariam como opções de sublimação da subjetividade. O pênis ereto, sem pelos e com ejaculação descontrolada denotaria repressão da fala que teria um destino viável para o bem-dizer do desejo. Um pênis com ausência de pelos e com traços desajustados, falaria de um lugar de inexperiência, ausência de controle.

O sujeito foi tomado por um desconforto de tal maneira que sem as palavras, o discurso do desenho o colocou numa posição de passividade. Algo irremediável frente aos possíveis lugares de amarração. É como se algo da ordem do subversivo sem palavras pudessem estabelecer relações estáveis que extrapolariam as enunciações efetivas. Como dizia Lacan (1992, p. 11) “para que nossas condutas, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais”.

É a combinação de uma sintaxe reprimida socialmente com a força evocativa de uma metáfora que diz algo de forma explícita sem dizer, sendo por isso mesmo uma forma de linguagem. Sem as palavras, o discurso poderia subsistir em determinadas relações fundamentais que invocariam no sujeito inconsciente insurreições de enunciados primordiais manifestos pelos desenhos subversivos nos espaços escolares. São formas de reagir a aquele domínio que o submeteria contra o seu próprio desejo, depreciando-o. O desenho é uma forma de o sujeito dizer sem palavras aquilo que o angustia e que gera nele todo um desconforto com este lugar de passividade frente ao discurso do Mestre, que supostamente tudo sabe e assim não permitiria a fluidez da troca.

6 CONCLUSÃO

Mesmo que a psicanálise não se emprestaria a formação educacional nos espaços escolares, haveria certas contribuições justamente por lembrar aos educadores que os alunos ali não se reduzem a meros fazedores de tarefas ou objetos de intervenção do poder estabelecido. Os alunos são sujeitos com toda a divisão que esse termo enlaça na psicanálise. O desejo é o assentamento fundamental no discurso da Psicanálise.

Pensar nas possibilidades que atuem no saber psicanalítico em espaços escolares não deve de modo algum implicar em subverter o sistema educacional. Entende-se que é a subjetividade do aluno que opera em localizar seu desejo frente ao Outro. A angústia expressa nos desenhos do sujeito é a matéria-prima que apontaria para a posição do lugar discursivo e que possibilitaria o advento de um sujeito do discurso. Eis aí a quem o analista se dirige.

Portanto, é de onde a psicanálise opera que importa para o analista. A tensão discursiva gerada pela violência simbólica nos espaços escolares não deveria sobrepor ao discurso analítico que incide nas entrelinhas da linguagem. É neste lugar que se observariam significantes deslizados e destinos pulsionais. É lugar-outro da psicanálise no discurso do sujeito que emergiriam posicionamentos do discurso sem palavras. Afinal, palavras sempre faltarão.

UN DISCURSO SIN PALABRAS: CONDICIONES A TRAVÉS DE ESPACIOS ESCOLARES SUBLIMADOS EN DIBUJOS SUBVERSIVOS

Resumen

El objetivo principal de este artículo es analizar dos dibujos realizados por estudiantes de una escuela pública de Río de Janeiro, en una posición de cara al Otro como posible camino de sublimación a los condicionamientos que efectúa el proceso educativo. Es en lo simbólico donde estos dibujos ocupan espacios discursivos de la escuela psíquica. Quieren decir algo más allá de las meras representaciones sexuales. El psicoanálisis señala que hay algo en el modelo educativo, como representante de la ley y los requisitos sociales, que puede proporcionar una inhibición neurótica, una de las características presentes en las neurosis. Concomitantemente, Freud indicó que institución (es) y sociedad son conceptos inseparables, y que puede existir la posibilidad de exclusión del sujeto dentro de una institución regida por el conocimiento, por lo que el discurso psicoanalítico debe estar dispuesto a incluirlo, pero sin palabras. como lo implica Lacan, un discurso que coloca el conocimiento en el lugar de la verdad, es decir, se ocupa del conocimiento sobre la singularidad subjetiva en su estado naciente, en el acto mismo de la palabra hablada "(JORGE, 2005). A través del análisis de estos diseños subversivos, el psicoanálisis busca comprender cómo se establecen estos aspectos y cómo pueden ser manejados por el educador para potenciar el proceso educativo.

Palabras clave: Psicoanálisis. Educación. Dibujos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo. Cortez, 1983 – Coleção questões de nossa época, vol. 11.

AUGRAS, Monique. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BIRMAN, Joel, 1946 – **Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação** / Joel Birman. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina. A condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro, BestBolso, 2017.

CIFALI, Mireille. IMBERT, Francis. **Freud e a Pedagogia**. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Lexikon Editora Digital, 2007.

DERDYK, E. **Formas de Pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

DIMENSTEIN, Gilberto. Alves, Rubem. **Fomos Maus Alunos**. Campinas - SP. Papyrus. 2003.

DORSCH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Hartmut Häcker, Kurt-Hermann Stapf; redação Horst Ries; tradução de Emmanuel Carneiro Leão e equipe. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREITAS, Luiz Alberto de. **As identificações na Obra de Freud**. Biblioteca de Psicanálise – Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

FREUD, S. (1913) **“Totem e tabu”**. In: Obras completas, vol. 11: “Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos”. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1915/1987). **“Reflexões para os tempos de guerra e morte”**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 2.ed., v.XIV. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. **A vida sexual dos seres humanos. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Conferência XX. Edição Standard das Obras Completas, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. **O Interesse Científico da Psicanálise**. (1913). In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.XIII, 1977, p. 211-226.

GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte alguma**. Rio de Janeiro. José Olympio, 2010.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol 1: As bases conceituais – 2 ed – Rio de Janeiro. Zahar, 2005

JUNIOR, Jonas Alves da Silva. SILVA, Leandro Rodrigues Nascimento da. **Imagens do cotidiano escolar. Gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública**. Revista Retratos da Escola, Brasília. V 14, n 28, p. 177-192. Jan/abr. 2020

KAES, R. **O interesse da psicanálise para considerar a realidade psíquica da instituição**. In: CORRÉA, O. B. R. (org.). Vínculos e instituições: uma escuta psicanalítica. São Paulo: Escuta, 2002.

KLEIN, Melanie. **A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro. Imago. 1997.

LACAN, J. (1967 [2003]). “**Alocação sobre as psicoses da criança**”, in: LACAN, J. (2001 [2003]) Outros escritos. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1992). **O avesso da psicanálise**. In J.-A. Miller (Ed.), O seminário 17 de Jacques Lacan: 1969-1970 (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1998b). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (2005). **Nomes-do-Pai. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1953-1963) – O simbólico, o imaginário e o real**. Rio de Janeiro: Zahar.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo, Cultrix, 2019.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. São Paulo. Cultrix. 2006.

Moreira, J. O. (2004). **Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. Psicologia em Estudo**, Maringá, 9(2), 219-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=pt&tlng=pt> Acessado em 07 de dezembro de 2020.

PFISTER, Oscar. Freud, Sigmund. **Cartas entre Freud e Pfister. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Viçosa Ultimato, 1998.

SOUZA, E. e ENDO, P. **Sigmund Freud**. Porto Alegre: L-PM, 2009.

TEIXEIRA, L. H. O. **A Abordagem Tradicional De Ensino E Suas Repercussões Sob A Percepção De Um Aluno**. Revista Educação em Foco. Edição nº 10. 2018.



VORCARO, Angela. **Crianças na Psicanálise. Clínica, Instituição, Laço Social**. Rio de Janeiro. Companhia de Freud. 1999.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 34-82.